

**Concordância verbal e a variável “sexo” em três comunidades linguísticas do interior do Estado da Bahia**

---

**Verb agreement and the variable “sex” in three linguistic communities in the state of Bahia**

**Jorge Augusto Alves da SILVA\***

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB/BRASIL)

**RESUMO**

Os papéis sociais representados por homens e mulheres se refletem sobre os usos linguísticos. Tais usos diferenciam-se, também, nas construções linguísticas como a “solidariedade”, concordância, entre o sujeito e o núcleo de predicado. Para fundamentar nosso estudo, fizemos uma análise comparativa entre grupos de falantes do sexo masculino e feminino de três comunidades linguísticas do português popular do Brasil, todas situadas no interior da Bahia, mais precisamente na Região Sudoeste do Estado. Os dados de nossa pesquisa nos levam a crer que os homens tendem a empregar formas inovadoras na comunidade de fala em maior frequência do que as mulheres por causa do seu maior contato e circulação nos espaços sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Concordância. Variação linguística. Português popular.

\*Sobre o autor ver página 218.

**ABSTRACT**

*The roles played by men and women reflect on the uses of linguistic structures. Those uses differ also in grammar structures such as “solidarity”, agreement, between the subject and predicate. In support of our study, we made a comparative analysis between groups of speakers male and female in three linguistic communities of popular Portuguese in Brazil, all located in Bahia, more precisely in the Southwest Region of the state. The data of our study lead us to believe that men tend to employ innovative forms of speech in the community more often than women, because of their greater contact with other social groups and movement in social spaces.*

**KEYWORDS:** *Agreement. Linguistic variation. Portuguese popular.*

**1 Introdução**

Os papéis sociais representados por homens e mulheres, certamente, se refletem sobre os usos linguísticos. Apesar de considerações sobre as diferenças biológicas entre homens e mulheres do ponto de vista da maturação da linguagem, tendemos a ver os comportamentos como diferenciados não só no uso do vocabulário, mas também nas construções linguísticas.

Todas e quaisquer análises que venham a se pautar no estudo das diferenças sexuais ou de gênero devem perpassar pela análise da situação de homens e de mulheres no cenário em que a linguagem se realiza não só como meio de expressão, mas, também, como forma de delimitação de espaços e atos sociais.

Lucchesi (1998) afirma que o papel social da mulher é determinado pelo “entorno social” em que ela se insere. Para o autor, o papel da mulher só pode ser analisado dentro das realidades socioculturais, considerando-se os casos particulares de mudança.

Os espaços legítimos da presença feminina são mais restritos do que os espaços masculinos nas sociedades rurais e urbanas do interior da Bahia. As mulheres circulam menos pelos diversos grupos e costumam desenvolver atividades que, de certo modo, constituem extensão das

atividades do lar. Embora tal situação tenda a se modificar, há resquícios, ainda, de uma cultura em que o espaço legítimo da presença e da circulação femininas restringia-se ao lar e à igreja.

Para fundamentar nosso estudo, fizemos uma análise comparativa entre grupos de falantes do sexo masculino e feminino de três comunidades linguísticas do português popular do Brasil, todas situadas no interior da Bahia, mais precisamente na Região Sudoeste do Estado. Escolhemos uma típica cidade (polo urbano) do interior, comparando-a a uma típica localidade de zona rural e a uma comunidade quilombola. Nelas, pudemos ver em que graus o comportamento linguístico da mulher aproxima-se ou afasta-se dos valores atávicos do seu grupo.

## 2 As Comunidades de Fala

A fim de nos situarmos no espaço geográfico, urge que façamos uma rápida descrição das comunidades cujos moradores (nascidos, criados e domiciliados) serviram de *corpora* para o presente estudo.

### 2.1 Poções: comunidade urbana

O município de Poções (latitude 14° 31' 47" S; longitude 40° 21' 42' W, a 760 metros ao nível do mar) localiza-se numa depressão de terreno em forma de bacia e apresenta clima frio e seco no inverno e temperado no verão. Banhado pelo Rio das Mulheres, Rio do Vigário, Rio de São José e Rio Ouricana, possui algumas cachoeiras, como a da Bandeira e Sete Voltas.

O município faz limite com as cidades de Boa Nova, Nova Canaã, Iguai e Bom Jesus da Serra. Possui uma área total de 966,3 km<sup>2</sup>, ocupada por 44.152 habitantes, cuja maioria (31.753) mora na zona urbana, e 1/3 da população total (12.399), na zona rural. As mulheres são maioria no município. Dados censitários de 2000 registram 9.316 domicílios na sede e 3.506 na zona rural, que se distribuem em localidades como Morrinhos e Bandeira Nova (os dois maiores povoados) e Lagoa da Serra,

Bernardino, São José, São João e Duas Vendas. A densidade demográfica é de 45,86 habitantes por quilômetro quadrado (45,86 hab/km<sup>2</sup>) com taxa de crescimento anual por volta de 2,9%. Poções é considerado um centro microrregional.

## **2.2 Morrinhos: comunidade rural**

O povoado de Morrinhos, situado a cerca de 10 km do município de Poções, tem sua história ligada às atividades bandeirantes na ocupação do Sertão da Ressaca. O povoado fora primeiramente terra tomada das mãos dos índios mongoió por ação de um dos filhos do bandeirante João Gonçalves, o capitão Raimundo Gonçalves da Costa. Por muitos anos, o povoado de Morrinhos, situado às margens do Rio das Mulheres, foi ponto de passagem de tropas, boiadas e viajantes que percorriam o caminho de ida e vinda do sertão ao litoral sul da Bahia. Alguns dos transeuntes fixaram-se na região e passaram a desenvolver tanto atividades agrícolas quanto pastoris. Por situar-se na zona da mata, o povoado conta com terras férteis, interferindo, assim, positivamente na economia local.

## **2.3 Cinzento: uma comunidade quilombola**

Segundo Grazielle de Lourdes Novato Ferreira, “a vinda dos primeiros negros para o Cinzento está associada às comunidades estabelecidas à margem do Rio Gavião” por volta de 1810 e 1860. Segundo relatos dos antigos moradores, os fundadores de Cinzento são da região da Chapada Diamantina, mais precisamente do antigo “Arraial dos Crioulos”, o que é corroborado pelo predomínio do sobrenome *Pereira Nunes*, o mesmo de um antigo proprietário de escravos da região de Rio de Contas. Ana Isidora (107 anos) afirma que os primeiros moradores vieram “currido”, sugerindo que a chegada deu-se de forma clandestina, pois a vinda se deu “à meia-noite, terça-noite”.

A comunidade rural de Cinzento pertence politicamente ao município de Planalto, cuja emancipação política só ocorreu na década

de 1960, embora seus moradores mantenham mais ligações com a cidade de Poções, como testemunha a moradora mais velha do povoado que afirma ter sido batizada na Igreja do Divino no município de Poções.

A comunidade de Cinzento hoje é reconhecida como uma comunidade quilombola. Ao contrário de Morrinhos, Cinzento não possui acesso fácil a fontes de água, e a existência de um terreno pedregoso dificulta o desenvolvimento da agricultura.

### 3 Descrição dos *Corpora*

Os *corpora* analisados neste estudo são compostos por 12 falantes de cada comunidade, num total, portanto, de 36 indivíduos –18 do gênero masculino e 18 do gênero feminino. Foram gravadas, ouvidas e transcritas 36 horas, uma hora de gravação de conversa com cada um dos entrevistados.

No caso específico de Cinzento, todos os informantes são lavradores e lavradoras; as informantes, ainda, desenvolvem trabalhos domésticos não remunerados, e uma desenvolve trabalho doméstico remunerado, na própria comunidade.

Em relação aos informantes e às informantes da comunidade de Morrinhos, a maioria das mulheres exerce trabalhos domésticos não remunerados, enquanto os homens dividem-se em ajudantes de serviços gerais (pedreiros, encanadores) e agricultores.

Em Poções, as mulheres exercem trabalho doméstico não remunerado ou trabalho doméstico remunerado. Os homens de Poções são motoristas, garis, pedreiros e, também, auxiliares de serviços gerais.

Para fins deste estudo, propusemos três faixas etárias: I (20 a 40 anos), II (41 a 60 anos) e III (mais de 61 anos). Entre as mulheres de Cinzento, as idades variavam de 20 a 107 (a moradora mais velha da comunidade), entre os homens, 26 a 90 (o morador mais velho da comunidade). Entre os moradores de Morrinhos, as idades das mulheres variavam de 20 a 76, e as dos homens, de 25 a 74. Em Poções, as idades variavam de 22 a 84 entre as mulheres; e de 26 a 78 entre os homens.

Todos os falantes tinham poucos anos de vida escolar (escolarização precária) ou eram analfabetos.

As mulheres mais velhas (por nós entrevistadas) afirmaram que nunca trabalharam de “ganho”, procuravam apenas desenvolver as atividades que lhes competiam dentro do próprio lar, mostrando um cerceamento da liberdade e do contato com outros grupos.

As mulheres mais jovens afirmaram que, esporadicamente, faziam serviços fora de casa e que almejavam uma colocação no mercado, mas sempre se referiram a profissões ligadas aos espaços sociais que seriam mais uma extensão dos seus “afazeres” domésticos.

A nossa expectativa era a de que essas pequenas alterações de pensamento pudessem refletir na busca de uma norma mais aproximada à de prestígio.

#### 4 Análise dos dados

Em nossa pesquisa, estudamos as situações de linguagem em que poderíamos identificar a relação de concordância entre o sujeito e o núcleo de predicado. Entendemos como concordância a “*solidariedade* (grifo nosso) entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no tempo, exteriorizando-se na CONCORDÂNCIA, isto é, na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 485).

Nos *corpora* analisados, encontramos 2.100 ocorrências de ser aplicada a regra geral de concordância: o verbo concorda com o sujeito em número e pessoa. Em nosso estudo, a concordância verbal na terceira pessoal do plural ou P6, foi o alvo de verificação e análise nos *corpora* das três comunidades de fala.

De 2.100 ocorrências, em apenas 367 verificamos solidariedade entre o verbo e o sujeito.

Os dados de nossa pesquisa revelam que os homens apresentam um comportamento linguístico que os aproxima mais da norma culta ou padrão do que as mulheres de sua faixa etária e local de procedência.

A Tabela 1 reflete o total das ocorrências encontradas entre homens e mulheres ao realizarem orações em que se verificam ou não a concordância verbal na terceira pessoa do plural ou P6:

**Tabela 1.** Frequência (Percentual) de Concordância Verbal

<b>Sexo</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Frequência</b>
Homens	220/1043	21%
Mulheres	147/1057	14%

Do ponto de vista percentual, os homens tendem a apresentar mais formas linguísticas segundo o padrão ou o prestígio, isto é, tendem a apresentar situações em que a solidariedade entre verbo e sujeito é explícita.

Do ponto de vista da frequência, essa tendência é reiterada, mostrando, conforme avaliação do Programa VARBRUL, que existe uma propensão no comportamento masculino à aplicação da regra de concordância ou de “solidariedade” entre sujeito e verbo nas três comunidades analisadas, como demonstram quantitativamente os dados:

**Tabela 2.** Peso Relativo de Concordância Verbal

<b>Sexo</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Peso Relativo</b>
Homens	220/1043	.57
Mulheres	147/1057	.43

A mulher, quer casada quer solteira, tende a refletir a fala de seu espaço doméstico, apresentando os valores de sua comunidade. Nas três comunidades linguísticas estudadas, percebemos que a mulher mostrava-se mais apegada aos valores de sua comunidade, encarando o meio exterior com certa reserva.

Os homens, por outro lado, mantinham cada vez mais contatos com membros de outros grupos e intermediavam-nos com sua família. Assim, podemos crer que, para os homens, há um imperativo de estar em contato cada vez mais frequente com outros grupos, sentindo nisso a necessidade de se adaptarem a situações novas. É natural, portanto, esperarmos que esses homens sejam mais tendentes à aquisição da

norma linguística de outros grupos. A diferença de (.14) reflete tal postura masculina em relação à situação em que se encontra.

Ao se referir à sensibilidade feminina em relação à norma de prestígio, Maria da Conceição Paiva (1996, p. 72) menciona basicamente as pesquisas realizadas dentro de uma comunidade cujo comportamento feminino pode assemelhar-se a outros; no entanto a sociedade pode estar em estágio diverso daquele por nós observado.

Labov, ao empreender pesquisas usando a variável sexo, chega a conclusões diferentes a depender das comunidades estudadas. Enquanto em Martha's Vineyard foram os homens que iniciaram a mudança, em Nova Iorque foram as mulheres que demonstraram ser as usuárias das formas inovadoras.

Labov reconhece, nas diversas segmentações da sociedade, que o comportamento linguístico de homens e mulheres não é uniforme, por isso, para caracterizá-lo com maior clareza, é necessária uma análise multivariacionista. Entendemos que essa análise inicia-se pelo cotejo da realidade dos papéis desempenhados por homens e mulheres em cada camada social e no seu sistema de relações, o que nos leva a analisar as situações “legítimas” de contato.

No Brasil, Giselle Silva e Maria da Conceição Paiva (1996) afirmaram, após exaustivo levantamento de pesquisas que envolviam a variável sexo, haver entre as mulheres uma preferência explícita por formas socialmente aceitas. No entanto, devemos considerar que essa preferência explícita só se pode dar no momento em que tais mulheres mantêm contato com tais formas socialmente aceitas, o que pouco acontece na realidade das mulheres analfabetas ou pouco escolarizadas dos grupos por nós analisados.

Os nossos dados mostram que, no curso da aquisição das regras de concordância, os homens falantes do português popular tendem a adquirir as formas prestigiadas mais cedo do que as mulheres de sua classe e de sua origem.

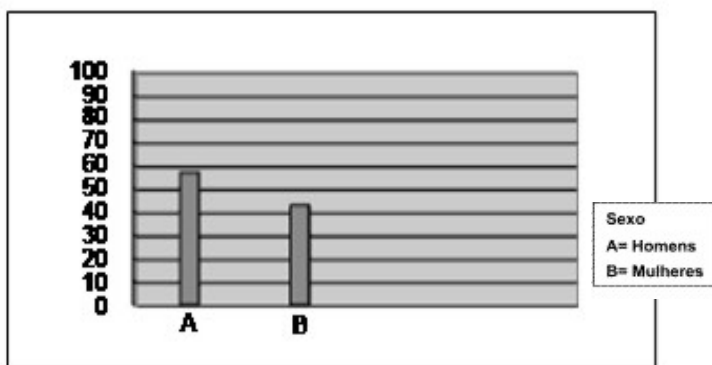
Monguilhot (2001) conclui que, no geral de sua pesquisa, considerando-se falantes com 4 anos de escolarização e falantes com



mais de 11 anos, a tendência geral é que as mulheres apresentem explicitamente as marcas de concordância, mas, se considerarmos apenas os falantes pouco escolarizados, a tendência é que os homens apresentem maior frequência.

Segundo a autora, “os homens com 4 anos de escolarização apresentaram maior tendência ao uso de marcas de concordância (.47) do que a apresentada pelas mulheres (.41)” (MONGUILHOTTT, 2001, p. 64). O gráfico abaixo, elaborado com dados da nossa pesquisa, aponta para realidade semelhante.

Figura 1: Sexo dos informantes



Devemos ressaltar que, entre os nossos dados e os de Monguilhott, não há apenas um acaso numérico; há, na verdade, uma relação entre os papéis sociais desempenhados por mulheres e por homens pouco escolarizados quer no sul-sudeste quer no nordeste brasileiro.

Os espaços legítimos da atuação feminina nas classes menos privilegiadas são semelhantes dada a situação de poucas relações com outros grupos sociais.

Anjos (1999) apresenta resultados parecidos aos nossos ao tratar do português da cidade de João Pessoa. Embora a variável não tenha sido selecionada pelo VARBRUL, a pesquisadora relata que as mulheres tendem a empregar menos as marcas de concordância (.49)

do que os homens (.51). Do ponto de vista percentual, os homens marcam a concordância 5% a mais do que as mulheres. No caso de Monguilhot, os homens com 4 anos de escolarização apresentam (.47) de concordância contra (.41) das mulheres e apenas 1% de emprego da forma de concordância.

#### **4 Considerações finais**

Os dados de nossa pesquisa nos levam a crer que os homens tendem a empregar formas inovadoras na comunidade de fala em maior frequência do que as mulheres por causa do seu maior contato e circulação nos espaços sociais.

O espaço feminino, no geral, restringe-se ao universo doméstico ou é uma extensão dele. As mulheres, por manterem interlocuções apenas com os elementos do trato doméstico, pouco se expõem a situações de exposição com outros grupos.

Os homens, por sua vez, compartilham atividades com pessoas fora do seu meio doméstico de circulação e são os veículos de contato entre o meio externo e o interno da comunidade. Embora observemos que a postura da mulher tenha mudado nos últimos anos e o próprio discurso das mais jovens revelem tal fato, a situação da mulher nas comunidades interioranas ainda permanece ligada aos valores tradicionais, a um mundo atávico que refletiria a reprodução, também, dos valores linguísticos do seu grupo.

Outra pesquisa em curso na Comunidade Quilombola do Velame (BA) procura entender esse “apego aos valores atávicos” por meio de entrevistas em que as mulheres são “convidadas” a discutir não apenas as questões do cotidiano, mas também seus desejos, suas expectativas.

## REFERÊNCIAS

- ANJOS, Sandra Espínola. **Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala dos pessoenses**. 1999. 158 p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999.
- CHAMBERS, J. K; TRUDGILL, P. Social differentiation and language. In: \_\_\_\_\_. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980. p. 57-69.
- COULTHARD, M. **Linguagem e sexo**. São Paulo: Ática, 1991.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L.. **Nova Gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FERREIRA, G. de L. N.. **Cinzeno: memória de uma comunidade negra remanescente de quilombo**. 176 f. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- LUCCHESI, D. A constituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizado: tendências atuais de mudança nas normas culta e popular. In. GROBE, Sybille; ZIMMERMANN, Klaus (Ed.) **“Substandard” e mudança no português do Brasil**: Frankfurt am aim: TFM, 1998, p. 73-100.
- MONGUILLHOT, I. de O. S. **Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala de florianopolitanos**. 2001. 99 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
- PAIVA, M. C. Sexo. In: MOLLICA, M. C. **Introdução à Sociolinguística Variacionista**. Rio de Janeiro: 1996. UFRJ, p. 69-74.

*Recebido em setembro de 2012.*

*Aprovado em novembro de 2012.*

**SOBRE O AUTOR**

**JORGE AUGUSTO ALVES SILVA** é Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia. Professor da graduação e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. É líder do Grupo de Estudos Sociofuncionalistas e de Pesquisa em Linguística Histórica (Uesb/CNPq). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Português Afro-brasileiro e Português Popular do Brasil. Desenvolve, ainda, pesquisa em documentos dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX, elaborando descrições com base na Teoria Estruturalista.

E-mail: [adavgvstvm@uol.com.br](mailto:adavgvstvm@uol.com.br)